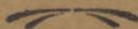


Em legítima defesa

Em legítima defesa



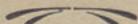
1935
IMPRESA ADOLPHO DE MENDONÇA, Ltd.
46, Rua Bernardino Costa, 48
LISBOA

RC
MNCT
34
CAR

Em legítima defesa

LOPO DE CARVALHO

Em legítima defesa



THE UNIVERSITY OF
LISBOA LIBRARY

RC

1911

34

CAR

1935

IMPRESA ADOLPHO DE MENDONÇA, Lda.
46, Rua Bernardino Costa, 48
LISBOA

Nada há que mais prejudique o homem do que o trabalho de caluniadores mesquinhos, falando para pequenos grupos, hoje num ponto, amanhã noutro, e criando assim, pouco a pouco, em tôrno da pessoa que o seu ódio alveja, uma densa atmosfera de desconfiança e hostilidade.

Foi por isso que escrevi o folheto — «A propósito do trabalho a luta contra a tuberculose em Portugal».

O sr. Eduardo Coelho tinha-se permitido fazer, dentro do Hospital de Santa Marta, onde ambos trabalhamos, e na presença de algumas pessoas, médicos e alunos de medicina, apreciações desfavoráveis a um trabalho meu, que classificou de plágio; e fê-lo em brados descompostos, absolutamente impróprios da sua situação naquele hospital e da situação que eu, a pessoa acusada, ali ocupo também.

Quando soube do seu inqualificavel procedimento, procurei por intermédio dum colega e velho amigo esclarecer o caso, tendo-me o sr. Eduardo Coelho enviado, três dias depois, uma carta em que me declara:

«1.º — Nunca afirmei, nem a alunos nem a assistentes, que os artigos de V. Ex.^a eram cópias de outros artigos;

2.º — O que disse a um assistente e a dois médicos — não a alunos —, foi que o primeiro artigo do n.º 12 da Lisboa Médica de 1934, tinha frases semelhantes a frases que eu lera num discurso de Augusto Rocha;

3.º — Não fiz referência à parte científica dos artigos de V. Ex.^a».

Porque razão não fiquei por aqui? E' que os juizos, que os meus trabalhos mereçam ao sr. Eduardo Coelho, só me interessam pela impressão que de êles fique no espírito das pessoas perante quem o sr. Coelho vá, jubilosamente, bolsando veneno. As declarações da sua carta não podia eu torná-las públicas, porque nelas se não continha a devida autorização, como sem dúvida existiria

se as tivesse escrito com espírito de lisura e de seriedade. O resultado do meu silêncio seria êste: o sr. Coelho continuaria promovendo o meu descrédito por tôda a parte, em pequeninas conversas, acrescentando que o não fazia com mais publicidade para me poupar, visto eu lhe ter pedido esclarecimentos por intermédio de um amigo comum.

Eu não quero ser poupado. Pelo contrário, é preciso que tudo venha a luz, para que de tudo, aos meus colegas que muito prezo, e não ao sr. Coelho, eu possa dar as devidas explicações. Por isso escrevi o folheto — A propósito do trabalho a luta contra a tuberculose em Portugal —. Sabia bem com quem estava tratando e que o sr. Coelho seria o mais minucioso rebuscador que poderia encontrar-se para obter meios de ferir ou prejudicar alguém, tão cheia tem a alma de invejas e de rancores.

Quando o sr. Coelho acabar a sua resenha estarei descançado. Ninguém mais conseguirá descobrir nos meus escritos uma simples frase de originalidade suspeita.

Disse-lhe que quem, sem fundamentos, acusa outrem de plagiário é, regra geral, um plagiário; mostrei-lhe que nas suas publicações se encontram, não pequeninas frases ou períodos, mas largos trechos que representavam nítidamente traduções. Tinha feito o necessário para que a imensa vaidade do sr. Coelho fizesse explosão. Ela aí está no folheto da sua autoria — «Os plágios do Dr. Fausto Lopo de Carvalho» —, a mostrar até que ponto pode ir a odienta insensatez de um homem.

Mas vamos às acusações do sr. Eduardo Coelho. Segundo êsse virulento censor, são cinco os meus plágios do discurso de Augusto Rocha, publicado em 1895. Não tenho que repetir, quanto ao meu trabalho da «Lisboa Médica», que foi o primeiro alvo dos seus ataques, que êle nunca poderá ser considerado como plágio de um discurso de 1895. Nessa data não tinha sido ainda criada a Assistência Nacional aos Tuberculosos, nem havia dispensários, nem hospitais-sanatórios, nem programa de luta anti-tuberculosa, nem dados estatísticos sôbre a mortalidade da doença, e são estas matérias as que constituem essencialmente o trabalho. Sômente nas considerações preliminares se pode encontrar semelhança de expressões, com as empregadas por outros autores, por muitos autores, e não sômente por Augusto Rocha no seu citado discurso.

Orientei-me alguma vez nesse discurso? Possivelmente, já o disse, ao escrever as duas primeiras páginas de um folheto de divulgação intitulado «A tuberculose em Portugal» e publicado em 1923. Ficaram-me da leitura, que então fiz, algumas palavras na memória, que dessem a um ou outro período dêsse meu escrito de 1923 sabor literário semelhante a um ou outro período do discurso de Augusto Rocha? E' possível; não discuto. Mas é a isso que se chama plágio?!

Nesse meu trabalho de 1923, encontra-se o período seguinte a que já me referi no folheto anterior:

«Relembra, como dizia Augusto Rocha, aquela síntese de guerra, que gravou a golpes de buril o maior orador português: nada está seguro; ninguém está seguro».

Esta citação dum período do discurso de Augusto Rocha mostra que, longe de querer ocultar dos leitores êsse discurso, como faria um plagiário, eu próprio chamava para êle a atenção. Mas não será isto?

Pois diz agora o sr. Eduardo Coelho que eu tinha colocado entre aspas a frase — nada está seguro, ninguém está seguro, querendo assim convencer o leitor de que só estas seis palavras e não as que as antecedem pertenciam a Augusto Rocha. Quer dizer: o sr. Coelho supõe que qualquer leitor pudesse atribuir a pequena frase — nada está seguro, ninguém está seguro — a Augusto Rocha, a quem eu daria o título de «maior orador português». Mas não haveria leitor que tal pensasse a não ser o próprio sr. Coelho.

Está liquidado o assunto dêsse trabalho de divulgação que publiquei em 1923. Repetirei o que já escrevi no folheto anterior: êle serviu-me depois, por mais duma vez, quando tive de falar ou escrever sôbre o mesmo assunto; de modo que, se o sr. Eduardo Coelho nisso tem muito prazer, posso conceder-lho dizendo que, de vez em quando, tenho sido plagiário de mim próprio.

Mas não tem o direito de me acusar de ter plagiado cinco vezes o discurso de Augusto Rocha; no trabalho da «Lisboa Médica», que lhe mereceu as primeiras iradas ceusuras, neste de 1923, a que acabo de me referir, em duas conferências, uma realizada na Sociedade de Geografia, outra no Instituto Rocha Cabral, e num cartaz. E' verdade, num cartaz!

Aqui para nós, o cartaz não foi escrito por mim, mas hesito em acusar de plagiário o funcionário da Assistencia Nacional aos Tuberculosos que o redigiu. E' sabido que a tuberculose ataca indivíduos de quaisquer idades, sexo e situações. E então o funcionário a que aludo escreveu: «Não poupa idades, nem sexos, nem situações». Mas como deveria escrever?

Raia quási pelo ridículo uma discussão tão minuciosa; mas que culpa tenho eu de que o sr. Coelho seja tão pequenino, miudinho, não tendo na alma senão duas coisas grandes, a sua vaidade e o seu rancor? Vamos então à questão das conferências.

A conferência na Sociedade de Geografia, não a escrevi. Foi um discurso de propaganda, para o qual tomei um ou outro apontamento. E' natural que me ocorressem ideias e expressões de trabalhos meus anteriores. Mas o que não há é um texto meu dessa conferência, e portanto, não podemos estabelecer discussão sôbre qualquer frase ou termo que o sr. Eduardo Coelho queira agora filiar no velho discurso do professor coimbrão. O jornalista que

fez o relato serviu-se, possivelmente, de qualquer trabalho meu que fôsse fornecido à imprensa pela A. N. T.

Quanto à conferência efectuada no Instituto Rocha Cabral, é outra coisa. Tinha-me dito o director do Instituto que, na sua opinião, as conferências ali realizadas deviam ser de vulgarização para pessoas de boa ilustração geral, as quais assim iam tomando conhecimento dos últimos progressos realizados nas ciências que não constituem sua especialização. Também não foi conferência previamente escrita, muito embora mais tarde reunisse em folheto o que então dissera baseado em trabalhos de investigação feitos no próprio estabelecimento.

Eram, em todo o caso, conferências de vulgarização, e assim eu entendi que podia e devia dizer qualquer coisa como consideração preliminar, sôbre a importância devastadora da tuberculose, antes de entrar propriamente no assunto da minha palestra, que era o problema da infecção tuberculosa. Não creio ter errado ao dar assim, a uma parte da minha conferência, um aspecto mais acentuadamente literário, visto que falava numa casa cujo director, o professor Ferreira de Mira, iniciou uma conferência sôbre a fisiologia das glândulas de secreção interna citando *Galeno* e onde o professor Marck Athias terminou uma outra sôbre o sono hiberna, citando *Aristóteles*.

Todas as frases que eu empreguei nos trabalhos citados, em geral frases curtas, a que alguns termos iguais ou o arranjo das palavras davam semelhanças com o que Augusto Rocha tinha escrito no seu trabalho de 1895, tudo foi cuidadosamente arquivado pelo sr. Coelho para ser classificado de plágio. Mas há sôbre tudo uma pequena frase que eu repeti nos quatro trabalhos citados — ponhamos, de parte o cartaz — em que o sr. Eduardo Coelho, particularmente insiste. E' esta: Possue o dom da ubiqüidade.

Não se pode negar que também a havia dito Augusto Rocha. Mas se o mesmo disseram, por exemplo, *Hyvert*, *Romme* e *Verdes Montenegro*, o sr. Eduardo Coelho poderia ter satisfeito mais amplamente os seus feros instintos, dizendo que eu copiei de Augusto Rocha no trabalho de 1923, de *Hyvert* na conferência da Sociedade de Geografia, de *Romme* na conferência do Instituto de Rocha Cabral e de *Verdes Montenegro* no trabalho publicado na «Lisboa Médica». Não se lembrou disso o sr. Coelho!

E' o discurso de Augusto Rocha que lhe serve principalmente de cavalo de batalha. Tive, por isso, de me alargar um pouco mais sôbre o assunto, muito embora fôsem já desnecessárias quaisquer considerações, uma vez que publiquei, para o leitor julgar por si, a parte da oração de Augusto Rocha, em que são apresentadas ideias de ordem geral sôbre a gravidade do problema da tuberculose e a introdução ao meu primitivo trabalho de 1923, sôbre a tuberculose em Portugal.

No folheto que o sr. Coelho agora publicou refere-se também

a uns relatórios por mim apresentados à Faculdade de Medicina, em que copiei, segundo diz, um trabalho do professor Pulido Valente, e a um artigo meu da «Lisboa Médica», onde êle vê copias de trabalhos franceses publicados nos «Annales de Médecine», artigo feito de colaboração com o meu saudoso companheiro de trabalho, dr. Ferreira de Mira, filho, que infelizmente não se pode defender já das injúrias do sr. Eduardo Coelho.

Dêste último delito meu não faz o sr. Coelho caso de maior, pois compreende que se leiam monografias sôbre a matéria que vamos tratar.

Não teria, na verdade, a mínima importância, se o sr. Coelho tivesse procedido com lealdade, isto é, se tivesse transcripto, como era de esperar, os textos franceses tal como se encontram nos «Annales». Mas não: o sr. Coelho cometeu a fraude de agrupar frases que lhe permitissem construir os períodos por forma a terem semelhança com outros do meu trabalho. Vejamos, por exemplo, o que fez logo na primeira citação:

<i>Texto do meu trabalho</i>	<i>Texto dos «Annales de Médecine».</i>	<i>Frases transcritas pelo sr. Coelho</i>
------------------------------	---	---

De comêço os rins eliminam uma grande parte e os bicarbonatos do sangue fixam o resto.

A acidose é então compensada. Mais tarde a reserva alcalina acaba por se exgotar.

Les reins en éliminent une bonne part, les tampons du sang fixent le reste, et l'organisme lutte pendant un certain temps victorieusement contre l'acidose.

Au debut, l'intoxication par les acides cétoniques ne se traduit que par le passage de ces corps dans les urines, et la composition du sang n'est point troublée. Plus tard, les bicarbonates du sang s'épuisent et il en résulte une diminution de la réserve alcaline du plasma; l'organisme est devenu moins capable de résister à une intoxication acide, il est plus fragile, mais l'équilibre acide-basique n'est pas encore troublé profondément et le pH du plasma n'est pas encore modifié; l'acidose est dite compensée.

Les reins en éliminent une bonne part, les tampons du sang fixent le reste.

Plus tard, les bicarbonates du sang s'épuisent et il en résulte une diminution de la réserve alcaline du plasma;

l'acidose est dite compensée.

Mutilando o texto original é fácil, na verdade, organizar frases que, colocadas em frente de outras que eu escrevi, permitam concluir pela existencia de um plágio! Ora isto não é sério.

Dirá o sr. Coelho que lá estão as reticências para indicar que não transcreveu todo o original, como se isso bastasse para justificar a fraude. Mas nem isso é verdade, como se pode verificar na seguinte frase, em que as reticências esqueceram:

<i>Texto do meu trabalho</i>	<i>Texto dos «Annales de Médecine»</i>	<i>Frases transcritas pelo sr. Coelho</i>
------------------------------	--	---

Se a compensação fôr completa, a concentração hidrogeniônica do sangue não sofrerá, portanto, qualquer modificação.

Dans le cas où la compensation est complète, l'état morbide est peu accentué, il ne se révèle pas par une modification anormale du pH sanguin, mais par l'examen indirect de chacun des facteurs de la régulation neutralisatrice.

Dans le cas où la compensation est complète il ne se révèle pas par une modification anormale du pH sanguin,

Mas há mais: de quando em quando, se a frase se não amolda bem ao fim que tem em vista, manda-a ler debaixo para cima!...

Finalmente, como o seu desejo é procurar dar a impressão de que não se trata apenas de uma ou outra frase, mas sim de vastíssimo plágio, transcreve, lado a lado, períodos que, muito embora traduzam a mesma ideia, não têm a mínima semelhança literária. E' o que se verifica, por exemplo, na seguinte transcrição, para que chamo a atenção do leitor:

Foi no século XVII que o estudo dos humores, sob o ponto de vista da sua alcalinidade, mereceu pela primeira vez a atenção de alguns clínicos, chegando Sylvius a esboçar uma nova orientação da patologia firmada na variação humoral dos ácidos e das bases *que o sangue por ventura contivesse*. Mais tarde, no século XIX, após alguns ensaios de Cahen sobre a determinação da alcalinidade do sôro, ressurgiu o mesmo problema. *Novas investigações se realizaram então* e foi assim que o artritismo criou foros de entidade clínica, indo buscar ao excesso de ácido úrico dos humores o rótulo de diátese ácida por excelência. (1)

Déjà au XVII, Boë Sylvius avait fondé tout un système de pathologie sur les variations de l'alcalinité et de l'acidité des humeurs. Depuis le milieu du XIX siècle, à la suite des tentatives de Cahen pour titrer l'alcalinité du sérum, des travaux abondants ont été publiés sur ce sujet. *Mais les médecins dépassaient de beaucoup dans leurs conceptions cliniques, les données de la titrimétrie*; c'est ainsi que dans l'esprit d'un grand nombre, l'arthritisme était la diathèse acide caractérisée par l'accumulation dans les humeurs de l'acide urique. (1)

E são desta ordem e assim fundamentados os plágios que o sr. Eduardo Coelho me atribui! Afirma êle que para a parte de ge-

(1) As palavras em itálico foram omitidas pelo sr. Coelho.

neralidades que o meu trabalho contém, colhi elementos em 3 originaes. Pois está enganado, porque me utilizei de muitos mais. De nenhum deles, porém, me servi como o sr. Coelho se serviu do artigo de Lutembacher, de que fez largas traduções. Eu bem sei que lhe é doloroso ouvir fazer tais afirmações, pois no seu folheto declara que apenas «se limitou a seguir a exposição de Lutembacher»... Não foi, portanto, um plágio. Isso sim... O sr. Lutembacher é que copiou do Lewis! Êle é que foi plagiário... mesmo sem pertencer à célebre «Faculdade dos Insultos»...

E é assim que o sr. Coelho se defende!

Finalmente, a cópia que eu fiz, segundo afirma, do trabalho do sr. dr. Pulido Valente, essa é que muito valentemente o chocou.

Pois é verdade: Num relatório para a Faculdade de Medicina em 1929, e ainda — reincidência como se vê — num outro relatório de 1930, eu tinha afirmado que os alunos só aprendiam bem em contacto com os doentes. E em 1929, o sr. dr. Pulido Valente tinha expresso idêntica ideia em termos semelhantes. Pois creio bem que, hoje ainda, o sr. Pulido Valente e eu diríamos a mesma coisa, se sôbre essa matéria fossemos preguntados, sem supormos, nem um nem outro, que estavamos traduzindo pensamentos originais em formas originais.

O pior é que, mais uma vez, o sr. Coelho omitiu frases, em ordem a conseguir os seus fins, cometendo verdadeiras fraudes. Vejamos apenas o último período:

O que eu escrevi

O que o sr. Coelho transcreveu

O que escreveu o dr. Pulido

É necessário, portanto, mostrar aos alunos, não em conjunto, mas individualmente, uma colecção rica e variada de doentes em que se observam os aspectos clínicos mais diversos, os sintomas mais frequentes e os sinais mais característicos dos aspectos mórbidos, em ordem a que, ao entrarem na Patologia e na Clínica lhes exista já gravada no espirito, essa série de elementos essenciais para fácil aproveitamento com as lições dos futuros mestres.

É necessário, portanto, mostrar-lhes... uma colecção rica e variada de doentes em que se observem os aspectos clínicos mais diversos... em ordem a que... lhes exista já gravada no espirito essa série de elementos essenciais.

É necessário mostrar aos alunos uma colecção rica e variada de doentes de forma a gravar-lhes perduravelmente no espirito as figuras centrais da vasta galeria de aspectos clínicos.

Mas se êle é assim, o sr. Coelho!

Reli detidamente o folheto publicado pelo sr. Eduardo Coelho. E' grosseiro, de pensamento e de frase, decaindo freqüentemente os termos para plebeísmos lamentáveis, tanto mais que os comete pessoa de tanta prosápia.

Impressionou-me ainda a grande quantidade de palavras que sublinha e a confusão que o faz dizer, como na frase «arrecadando sem descaro» o contrário do que pensa, transformando uma injúria que queria atirar-me numa coisa inofensiva. Além dêstes sinais de perturbação mental, falta à verdade quando diz, por exemplo, que o fui procurar para me ensinar a interpretar electrocardiogramas. Apenas se tratava de lhe pedir alguns traçados que me eram necessários para ás minhas aulas, e êle era nessa época o encarregado da secção de electrocardiografia do Hospital de Santa Marta.

Depois êste homem parece tomado de delírio de perseguição. Diz que as nossas relações só aparentemente se mantinham nos últimos 4 anos. Mas eu nunca dei por quaisquer conflitos que só existiam, afinal, dentro da vaidosa cabeça do sr. Eduardo Coelho. Diz que eu abandonei os processos antigos com os quais o combatia encobertamente e que venho agora a público com a mesma deslealdade. Que ideia! Mas eu nunca combati o sr. Coelho. Defendi sempre os justos interêsses colectivos, de modo que o sr. Coelho só poderá ter-se sentido combatido por mim, se alguma vez não soube ou não quiz harmonizar os seus desejos ou ambições pessoais com êsses justos interêsses colectivos. Deslealdade! Então fui eu que rompi por uma enfermaria de Santa Marta, sobraçando o discurso de Augusto Rocha e acusando, em altos berros, de plagiário, perante quem estava, um colega meu?! Não foi o sr. Coelho quem fez isso?!

Mas podia defender-me sem acusar o próprio sr. Eduardo Coelho. Podia, é certo, mas não devia. Já agora que tenho de tratar do meu caso, é preciso que o meu trabalho tenha também alguma utilidade para os outros a quem o sr. Prof. Eduardo Coelho abocanha, a ver se o nosso meio médico se liberta por uma vez dêste zoilo. E também porque é preciso levar o sr. Coelho a deitar cá para fóra tôda a sua peçonha. Êle que acusa os outros de plagiário, êle que no trabalho sôbre electrocardiografia traduziu períodos e períodos seguidos, diz que não plagiou, que seguiu apenas a exposição do autor!!!

No primeiro folheto, que distribui há dias por professores e assistentes, limitei-me a publicar, lado a lado, a título de demonstração, apenas algumas frases. Hoje vai uma página inteira, sem omissões nem reticências:

Le bigramme humain

par

LUTEMBACHER

Annales de Médecine — 1-1923

Pag. 575 — 22.^a linha:

Chez les animaux inférieurs, comme le crapaud, la tortue, dont le coeur est formé seulement de deux cavités, les fibres du myocarde assument la double fonction de fibres contractiles et excito-conductrices.

Leur structure rapelle celle des fibres embryonnaires du coeur des mammifères. Le protoplasme qui entoure le noyau central est abondant, riche en glycogène; les fibrilles musculaires ne se différencient qu'en petit nombre, à la périphérie.

La conduction qui semble se faire par le protoplasma axial, est d'ailleurs assez lente, elle ne dépasse pas 100^mm. à la seconde.

Chez les animaux supérieurs, en même temps que les cavités cardiaques se compliquent par le développement de cloisons secondaires, la différenciation fonctionnelle se poursuit.

Des fibrilles musculaires se forment en abondance, dans les fibres myocardiques, tandis que le protoplasma, le glycogène se réduisent. De telles fibres perdent en conductibilité, ce qu'elles gagnent en pouvoir contractile. Mais certaines fibres gardent leur structure embryonnaire et s'adaptent à la fonction excito-conductrice.

Chez le chien et chez l'homme, cette différenciation se poursuit seulement dans les ventricules. Les oreillettes qui n'ont à effectuer qu'un travail musculaire peu important, gardent une structure presque embryonnaire et leur double fonction contractile et excito-conductrice.

As bases fisiológicas da electrocardiografia e o seu valor clínico

por

EDUARDO COELHO

Lisboa — 1925

Pag. 9 — 18.^a linha:

Nos animais inferiores, o coração é formado, apenas, de duas cavidades, possuindo as fibras do miocárdio a dupla função contráctil e excito-conductora.

São fibras com estrutura semelhante à das fibras embionárias do coração dos mamíferos, sendo o protoplasma que cerca o núcleo central muito rico em glicogénio. As fibrilhas musculares só em pequeno número se diferenciam.

Nos animais superiores, com a diferenciação anatómica aparece também a diferenciação funcional.

Reduz-se a quantidade de protoplasma e de glicogénio, enquanto que nas fibras do miocárdio se formam fibrilhas musculares em abundância. São estas fibrilhas que presidem à condutibilidade. A função excito-conductora é exercida por certas fibras que mantêm a sua estrutura embrionária.

Esta diferenciação anatómica e funcional do miocárdio, no homem, dá-se só nos ventrículos, porque nas aurículas, que quasi só desempenham um trabalho muscular — e pouco importante — persiste a estrutura embrionária com a dupla função excito-conductora e contractil.

L'excitation qui naît au sinus, dans un tissu spécial, le noeud de Keith et Flack, se propage à travers les oreillettes, dans les fibres musculaires elles-mêmes, sans traverser un tissu spécialisé. L'onde d'excitation se répand lentement à leur surface suivant une vitesse uniforme de 1000^{mm}. par seconde.

Dans les ventricules au contraire, les fibres contractiles plus différenciées n'ont qu'une conduction très réduite (300 à 500^{mm}. par seconde).

Or, il est nécessaire que toutes les fibres ventriculaires se contractent presque simultanément. A cet effet, on voit se constituer un tissu particulier, ayant la structure des fibres cardiaques embryonnaires et une grande capacité de conduction (3000 à 5000^{mm}. par seconde). Ce tissu permet à l'excitation de parcourir toute la surface ventriculaire, malgré son étendue en 2 à 3 centièmes de seconde, alors que cette même excitation met 5 centièmes de seconde pour parcourir les oreillettes de moindre étendue.

C'est au niveau du noeud de Tawara, que les fibres excito-conductrices reprennent l'excitation transmise du sinus, à travers les oreillettes. Ces fibres forment le faisceau de His, avec ses branches, ses ramifications, le réseau de Purkinje, qui tapisse la face sous-endocardique des ventricules.

Nota. — O itálico não vem no texto. Serve apenas para indicar ao leitor que aquele período do trabalho de Lutembacher ocupou um nível inferior na cópia do sr. Coelho.

Enquanto que nos animais inferiores a condução, que parece seguir pelo protoplasma axial, é muito lenta — não ultrapassa 100^{mm}. por segundo — nos animais superiores,

a excitação, que nasce no nódulo de Keith e Flack, caminha nas aurículas com uma velocidade uniforme de 1.000^{mm}. por segundo, à sua superfície propagando-se nas próprias fibras musculares.

A condução das fibras contractíveis dos ventrículos é muito reduzida; anda aproximadamente por 300 a 500^{mm}. por segundo.

Como convem a um bom funcionamento do miocárdio que as fibras ventriculares se contraíam simultaneamente, existe um tecido de estrutura embrionária e de grande capacidade de condução (3.000 a 5.000^{mm}. por segundo), permitindo que a excitação percorra toda a superfície ventricular em duas a três centésimas de segundo, ao passo que nas aurículas, de menor extensão que os ventrículos, leva cinco centésimas de segundo.

Esse tecido excito-conductor com a estrutura das fibras cardíacas embrionárias é formado pelo nódulo de Tawara, o feixe de His, os seus ramos, ramificações, e pela rede de Purkinje que forra a face subendocárdica dos ventrículos.

E' para final, só mais um periodozinho, ao acaso, de um outro trabalho do sr. Coelho:

**De l'anévrisme primitif de
l'oreillette gauche**

par

IVAN MAHAIM

Annales de Medicine — 1927

Pag. 381 — 35.^a linha:

Assmann signale 2 cas de dilatation extrême de l'oreillette gauche, avec débord à droite, dans la maladie mitrale et un cas dans une insuffisance aortique avec insuffisance mitrale. Il reproduit en outre une teleradiographie d'un cas d'insuffisance mitrale (planche I, fig. 3) où le double contour auriculaire nous semble présent. Cet auteur rapporte 3 planches anatomiques où l'oreillette gauche débordé en dehors l'oreillette droite.

**Bradicardia septal
permanente**

(Separata)

por

EDUARDO COELHO

Pag. 8 — 24.^a linha:

Assmann descreve 2 casos de dilatação exagerada da aurícula esquerda, com saliência à direita, na doença mitral, e um caso de insuficiência aortica com insuficiência mitral. Na teleradiografia que reproduz dum caso de insuficiência mitral (1.^a prancha, fig. 3) nota-se claramente o duplo contorno auricular à direita. Assmann reproduz ainda três teleradiografias, nas quais a aurícula esquerda cerca e ultrapassa a sombra da aurícula direita.

O sr. Coelho também seguiria neste caso a exposição do autor? Creio bem que não, pois confundiu *teleradiografias* com *planches anatomiques*...

E basta por hoje.





RÓ
MU
LO



132967247X

CENTRO CIÊNCIAS VVA
UNIVERSIDADE COIMBRA

